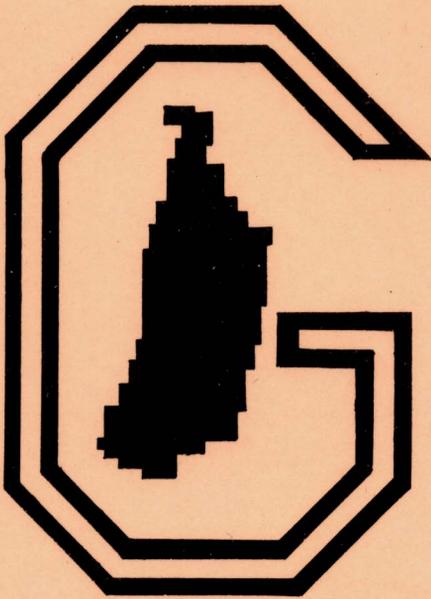


ISSN 0101-708X



UFG – IQG

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

# BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

PUBLICAÇÃO ANUAL – VOL. 7/8 N. 1/2 – JANEIRO/DEZEMBRO 1987/1988

GEOGRAFIA DA HISTÓRIA OU HISTÓRIA DA GEOGRAFIA?  
(Ensaio de Geo-História)

Antônio Teixeira Neto\*

I N T R O D U Ç Ã O

Até há bem pouco tempo era comum se ouvir de professores em sala de aula que Geografia e História eram "irmãs gêmeas". Isto advinha, talvez, do fato de as antigas licenciaturas em História e em Geografia serem feitas juntas. O "divórcio" entre elas só aconteceu mais tarde. O que levava as pessoas a acreditarem nessa irmandade? Foi certamente o modo como essas disciplinas eram ensinadas, isto é, narrando, descrevendo fatos que se desenrolam necessariamente no tempo (História?) e no espaço (Geografia?) e pelo fato dessas duas variáveis (espaço e tempo) serem indissociáveis.

Desde os primeiros dias da humanidade, o indivíduo se preocupou com o espaço que lhe cercava. Um fato histórico, um evento ocorrem em um determinado lugar e em uma determinada data, isto é, dentro de um contexto histórico-geográfico. O espaço geográfico é o palco dos acontecimentos históricos.

Talvez instintivamente o homem tenha sido inicialmente "geógrafo" e depois "historiador", pois, sua primeira atitude, antes de se fixar num determinado local, e aí fazer "história", foi antes conhecer, para melhor dominar, o ambiente e o meio em seus aspectos geográficos. Dessa exploração dependia a segurança dos indivíduos e do grupo, logo, sua sobrevivência. As ciências do homem se encarregam, melhor, de estudar esses aspectos sócio-antropológicos. Ocupemo-nos agora da interrelação Geografia-História, ou seja, homem-natureza-sociedade, e vice-versa.

---

\* Professor do Depto. de Geografia do Instituto de Química e Geociências da Universidade Federal de Goiás.

## NA ANTIGUIDADE

Ao estudarmos a história das primeiras civilizações iremos encontrar uma característica quase comum a todas elas: desenvolveram-se, geralmente, em regiões onde as condições naturais locais permitiam facilmente a prática de suas atividades básicas essenciais, como o cultivo da terra, a presença abundante de água, a pesca e a caça e, principalmente, a defesa do território contra possíveis agressores de qualquer natureza.

Embora o palco da aventura humana tenha sido todo o planeta Terra, o Mar Mediterrâneo se constituiu, para nós ocidentais, no centro de gravidade do mundo antigo. Nele prosperaram o que alguns especialistas denominam "talassocracias", ou sejam, os impérios marítimos de todos nós conhecidos.

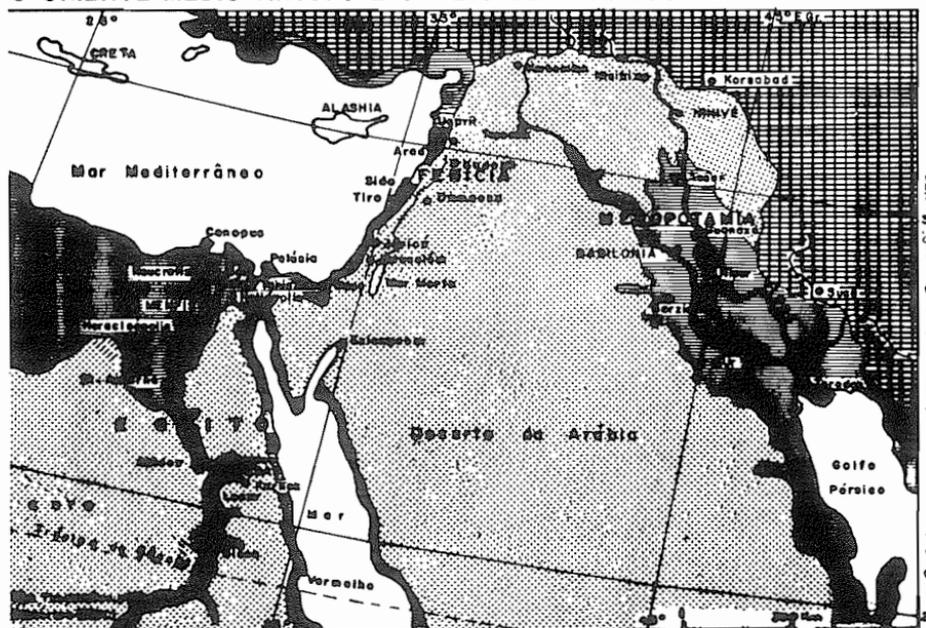
### 1. OS EGÍPCIOS

Os egípcios, cuja história conhecemos há quase sete mil anos, estabeleceram-se às margens do rio Nilo, mais precisamente próximo ao grande delta. À sua retaguarda sobravam-lhes espaços enormes, porém, o meio geográfico se lhes apresentava como um entrave à sua sobrevivência material, já que não dispunham, na época, de meios e técnicas capazes de dominar o grande deserto e dele tirar proveito, como faz hoje Israel, por exemplo. Desse modo, fixaram-se de vez às margens do rio Nilo, em terras férteis que proporcionavam, sem grandes esforços, grandes e abundantes colheitas, fonte imediata de sobrevivência e segurança do povo. Ainda hoje, em pleno século XX, a parte do Saara egípcio é deserta de homens, não obstante o estágio de desenvolvimento científico e tecnológico que conhece a humanidade. O meio geográfico em muito contribuiu para que a civilização egípcia atingisse os estágios de desenvolvimento que todos nós conhecemos: clima ameno, com variações de temperatura ideais, às quais se adaptaram muito bem as principais colheitas de cereais e de algodão. A fertilidade do solo era, e ainda é, assegurada pelo fenômeno das cheias do rio Nilo, inundando as baixadas e vazantes, depositando às suas margens o húmus milagroso. Como a Mesopotâmia, parte do Egito pertencia àquilo que os historiadores chamaram de "Crescente Fértil" (v. Fig. 1).

## 2. OS BABILÔNIOS

Eles ocuparam a Mesopotâmia, faixa de terra compreendida entre os rios Tigre e Eufrates, os dois únicos rios importantes de todo o Oriente Médio. De um lado e de outro dos dois mananciais se estende o deserto, mas nem por isso os babilônios deixaram de se constituir em uma grande e rica civilização, legando à humanidade inventos e descobertas no campo da matemática, da astronomia e da engenharia. Os Jardins Suspensos da Babilônia são, como as pirâmides do Egito, uma das Sete Maravilhas do Mundo. Dividiram o círculo em graus, minutos e segundos, construíram sistemas de irrigação e é deles o mapa mais antigo do mundo: a famosa estela de barro cozido, conservada no Museu Semítico da Universidade Harvard (Estados Unidos). Essa mapa data de 2500 anos antes de Cristo e mostra o vale de um rio, certamente o Eufrates, o que demonstra bem o conhecimento que tinham da região.

### O ORIENTE MÉDIO ANTIGO E O MEIO GEOGRÁFICO NATURAL



1: The Times Atlas of the World, REC-FIGURE Atlas in square color, 11028, e 11028, e Atlas historique mondial, 4.1

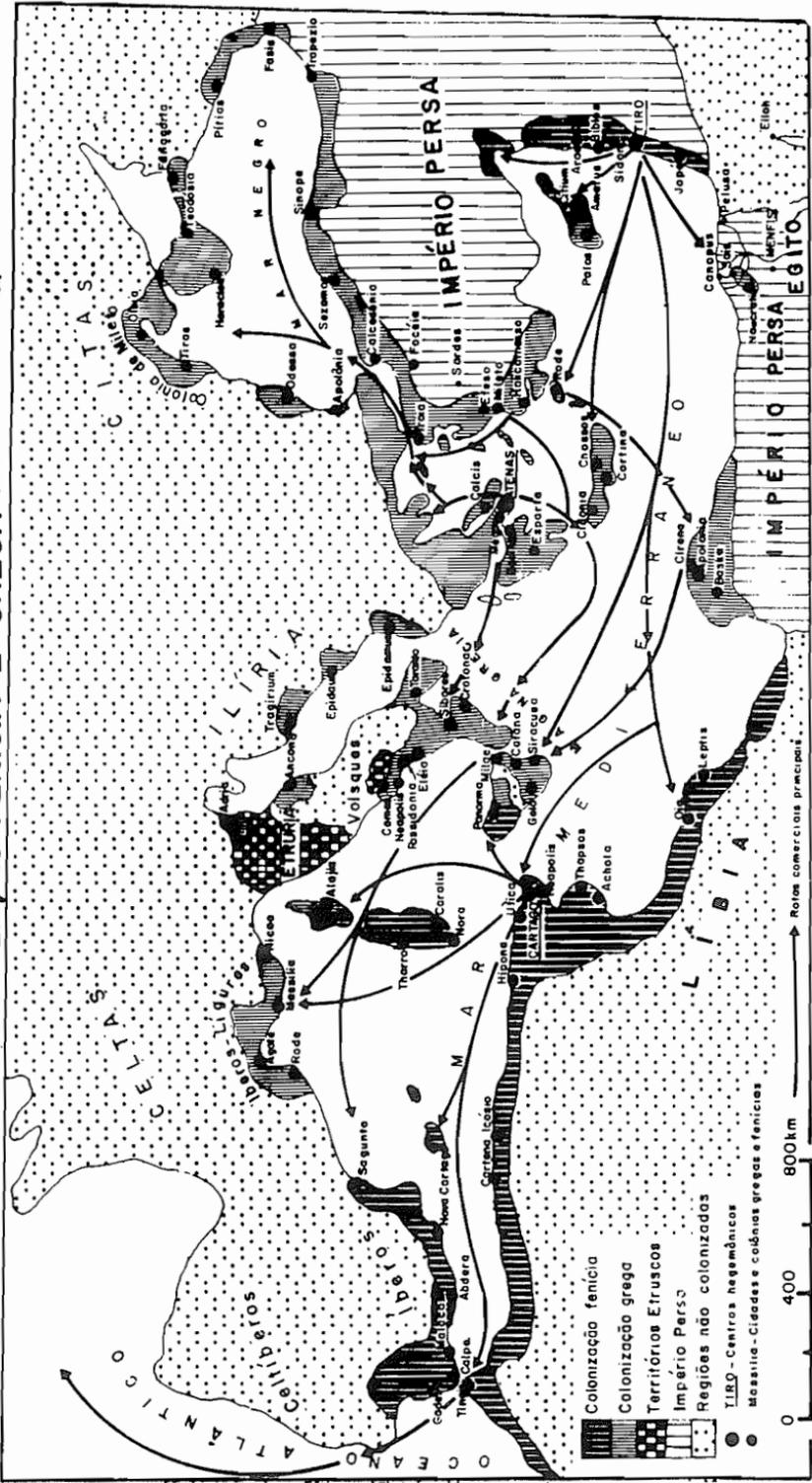
### 3. OS FENÍCIOS E OS GREGOS

Os Fenícios foram hábeis navegadores e um dos primeiros povos a explorar, numa viagem de circunavegação, sistematicamente, o litoral do continente africano a serviço de um Faraó egípcio (século VII AC). A Fenícia antiga - parte da Síria e Líbano atuais - estava imprensada entre o Mar Mediterrâneo e o deserto da Síria. A região onde habitavam não lhes oferecia grandes recursos naturais de utilização do solo para fins agrícolas. Talvez por este motivo, foram obrigados a encontrar uma outra saída, lançando-se ao mar e fundando colônias por toda a costa do Mediterrâneo, chegando a rivalizar-se com Roma e todo o seu poderio comercial. A destruição de Cartago (na Tunísia atual) foi a única saída que as tropas romanas encontraram para recuperar a hegemonia no Norte da África e no "Mare Nostrum", perdida antes para os fenícios. (Vide Fig. 2).

Apesar de seu desenvolvimento social, cultural e militar ter atingido o mais elevado nível em relação à sua e outras épocas, os gregos tiveram, no início de sua civilização, atividades estreitamente ligadas à terra, ou seja, ao meio geográfico e às condições naturais. Demonstrando, como os fenícios, uma grande vocação para a navegação, aproveitaram-se do litoral entrecortado dos Balcãs e semearam em suas redondezas dezenas de colônias e de portos comerciais. Na verdade, os Balcãs não possuem um solo fértil e suas condições climáticas não são muito variadas, favorecendo apenas às culturas mediterrâneas tradicionais baseadas nas oliveiras, nos vinhedos e algumas frutas. O abastecimento da população em cereais (principalmente em trigo) era feito ou através das atividades comerciais com outras regiões, ou vinham de colônias plantadas em toda a região Mediterrânea. Foram os gregos que plantaram núcleos de importantes cidades como Marseille, na França. Suas colônias se estendiam da Espanha à Ásia Menor. Mais tarde, por terra, estenderam suas fronteiras até às Índias e deixaram grandes recintos histórico-geográficos, como os de Heródoto, Cláudio Ptolomeu (o seu maior geógrafo e cartógrafo), Eratóstenes, Possidônio, etc.

A influência dos gregos chegou até o século XVIII de nossa era, quando as pesquisas e descobertas no campo da Geografia e da Cartografia erradicaram totalmente da Cartografia os ensinamentos de Cláudio Ptolomeu. Nem mesmo Roma escapou à influência grega e somente no século XVI os portugueses deixa-

# COLONIZAÇÃO FENÍCIA E GREGA (séc IX A.C. - séc. II A.C.)



ram de lado a "Geografia" de Ptolomeu para construírem, em bases mais científicas, seus mapas de navegação. Isto aconteceu no apogeu das grandes descobertas.

#### 4. OS ROMANOS

A geografia romana foi praticamente uma cópia da geografia grega. Estamos falando de concepções geográficas e não do meio geográfico natural, que, como o da Grécia Antiga, tinha seus problemas. Nos dias de hoje a Itália é conhecida, geograficamente, por seus contrastes: o Norte é fértil e rico (vale do rio Pó) e o Sul é pobre e pouco fértil (o Mezzogiorno), uma espécie de Nordeste brasileiro à italiana.

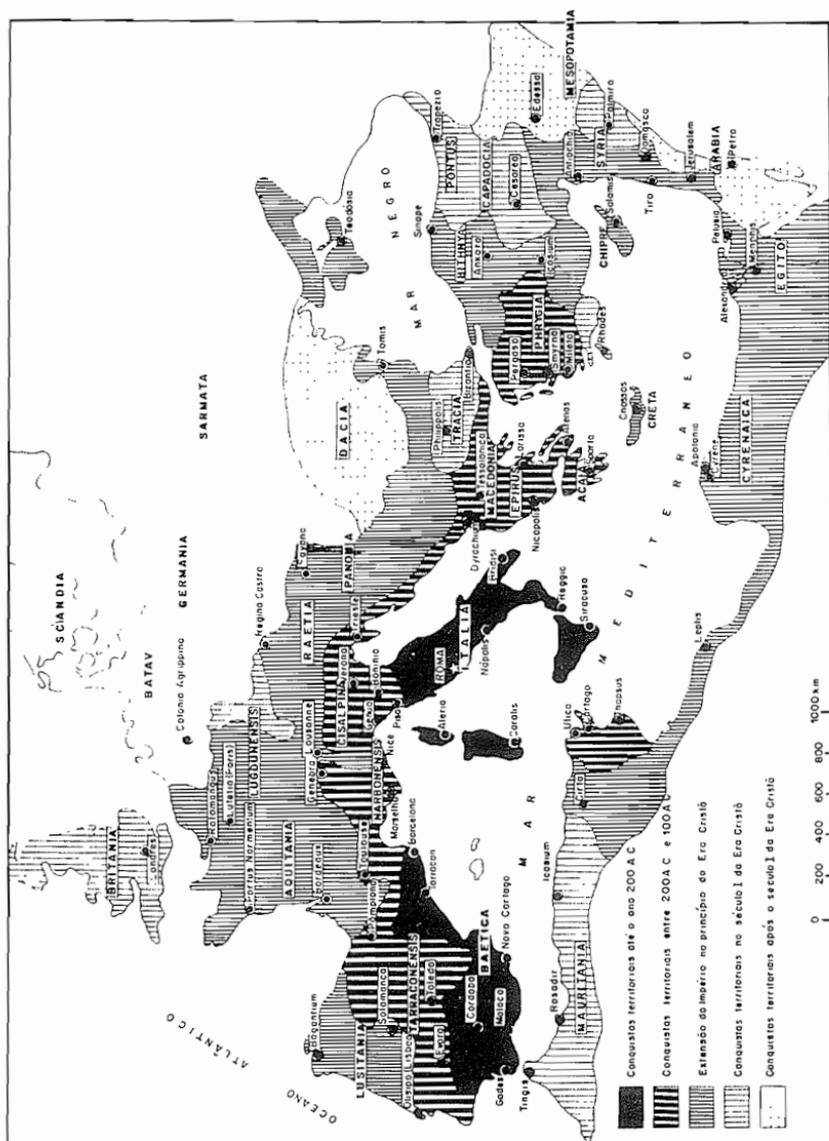
Mais pragmáticos, aos romanos e aos Césares interessavam o conhecimento do terreno para fins militares e administrativos. As fronteiras do Império Romano coincidiam com as fronteiras da Europa Ocidental e todo o Oriente Médio. De cada povo conquistado assimilaram os conhecimentos geográficos que lhes interessavam. Sua cartografia pouco tinha de original. Na Fig. 3 estamos mostrando o Império Romano no apogeu de sua expansão política e territorial.

Como se pode constatar, na antiguidade, tanto como hoje, o espaço físico e o espaço temporal não podem ser vistos separadamente, porque o fato geográfico está intimamente ligado ao fato histórico. Não existe História sem Geografia e nem Geografia sem História. A máxima atribuída a Heródoto - "o Egito é uma dádiva do Nilo" - mostra muito bem essa relação íntima. Certamente a história do Egito seria outra bem diferente se o grande rio Nilo não fosse a artéria principal que alimenta o corpo do país em húmus transportado durante as cheias e depositado nas enormes vazantes e planícies do grande delta.

#### NA IDADE MÉDIA

Os árabes foram os que mais se destacaram na Idade Média na conquista do espaço. Impulsionados principalmente pela fé religiosa do profeta Maomé, eles substituíram a gregos e romanos no Mediterrâneo e estenderam sua influência ao sudoeste da Europa, tendo inclusive se fixado na Espanha por quase 800

## A EXPANSÃO DO IMPÉRIO ROMANO (sec. VI A.C. - séc. I.V.D.C.)



anos! Da França foram expulsos pelas tropas de Carlos Martel, na batalha de Poitiers, no ano de 711. Seus Califas mais notáveis, como Almanum, Harun Al-Rachid, procuraram traduzir para o árabe o que havia de melhor na geografia grega. Construíram mapas-mundi e alcançaram um grande desenvolvimento no campo da Cartografia. Dentre esses sábios, o mais expressivo foi sem dú vida Edrisi. Durante a sua expansão, os árabes exploraram quase toda a costa oriental africana, estabelecendo feitorias além do Golfo Pérsico. Como dizíamos, na Espanha permaneceram por cerca de oito séculos e sustentaram contra os espanhóis mais de 1400 batalhas antes de se renderem às tropas dos reis católicos Isabel e Fernando. Dizem que a fé remove montanhas. Para os árabes a fé removeu as areias do deserto. (Vide Fig. 4).

## NA IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

### 1. O RENASCIMENTO GEO-CARTOGRÁFICO

Classicamente, três eventos históricos são considerados para explicar o grande desenvolvimento da Geografia e da Cartografia após a queda do Império Romano no Oriente:

a) A redescoberta de Cláudio Ptolomeu, fazendo renascer o gosto pela Geografia, perdido na Idade Média. A tradução das obras de Ptolomeu para o latim permitiu uma rápida difusão do pensamento geográfico no Ocidente, embora sua "Geografia" es tivesse plena de erros e cheia de falsos conceitos sobre a Terra e suas dimensões. Esses erros foram, porém, sendo eliminados e corrigidos com a publicação periódica das chamadas "Tabulae Mo dernae", uma espécie de tabelas contendo dados geográficos e medidas da Terra, que permitiam a correção dos mapas já conhecidos.

b) A invenção da Imprensa e da arte de gravar, quando os mapas e os recitos histórico-geográficos deixam de ser manuscritos, e de exemplar único, para serem impressos. Nesta ocasião verifica-se, então, uma rápida difusão da Cartografia e da Geografia, que ganham as ruas, popularizando-se. O mapa transforma-se rapidamente em produto de consumo popular, pois uma prancha permitia a tiragem de até 1000 exemplares. Verdadeiras "fábricas" de mapas surgem em toda a Europa, principalmente na Holanda, onde existiam hábeis gravadores e melhores comerciantes ainda.



c) Os grandes descobrimentos. Sua consequência para a Geografia e para a História foram, num primeiro momento, a re formulação de antigos conceitos sobre a forma da Terra e suas dimensões, derrubando "verdades" ptolomáicas. Em seguida, o aparecimento dos primeiros e verdadeiros mapas-mundi. A Cartogra fia passa a ser realmente universal. A Geografia segue o mesmo caminho, seguida da História. Juan de La Cosa já mostra em seu mapa-mundi de 1500 a chegada de Cabral ao Brasil. Waldsemuller, em 1507, já delinea pela primeira vez as duas Américas. Diogo Ribeiro, que acompanhou Magalhães em sua viagem de circunavega ção (1519-1521), constrói o mapa-mundi até então mais completo (1529), provocando, entretanto, rixas políticas: os espanhóis o acusaram de ter plagiado o Padrão Real espanhol passando in formações preciosas para os seus grandes rivais, os portugue ses.

A febre de mapas, e sua reprodução, despertou ambi ções de toda natureza, sem falar nas falsificações. Se de um la do portugueses e espanhóis ampliavam os conhecimentos geográfi cos, de outro, holandeses e franceses monopolizavam a reprodu ção dos documentos. Os atritos políticos eram inevitáveis, pois cada Estado queria, de um certo modo, ser o único dono da ver dade. O mapa passou a ser um segredo de Estado e instrumento po lítico de valor inestimável, principalmente no momento de legi timar as conquistas geográficas e territoriais no Novo Mundo e na Ásia.

## 2. OS COLONIZADORES

De todos os povos navegadores, dois têm uma estreita relação com a nossa cultura: os portugueses e os espanhóis, principalmente os primeiros, é óbvio.

Como a Fenícia antiga, Portugal se constituía, e se constitui ainda hoje, em uma estreita faixa de terras imprensa da entre a Espanha e o Oceano Atlântico. Impulsionados por raz ões econômicas e por um espírito de conquista jamais visto em povo algum, os portugueses construíram um grande império colo nial e lançaram as bases da Geografia e da Cartografia moder nas. A natureza do seu território lhes era adversa: o Norte mui to árido, pobre, semi-deserto e o Sul, de solos mais ricos, se encontrava nas mãos de poderosos senhores feudais. Como então arrancar o país da estagnação econômica e se proteger contra o

seu "irmão" vizinho, a Espanha? A visão de piloto cosmopolita do Infante Dom Henrique só via uma saída: o mar. Em Sagres (no extremo Sul do país) ele fundou uma escola de pilotos e para lá levou os maiores matemáticos, armadores e cartógrafos de que podia dispor e desenvolveu um tipo social para o qual tenderam todos os portugueses: o do piloto cosmopolita.

No fim do século XV e começo do século XVI a Europa tinha febre de conquista. Os espaços nacionais já estavam bem definidos e suas fronteiras e instituições estabelecidas. Já se podia falar do reino de Portugal, da Espanha, da França e da Inglaterra. Apenas a Itália e Alemanha ainda não tinham se organizado sob forma de Estado Moderno. Isto só ocorreu mais tarde, na segunda metade do século XIX, e esses países só participaram da repartição geográfica do mundo quando os impérios português e espanhol já haviam desaparecido das Américas e se restringido a algumas colônias na África e na Ásia.

As grandes descobertas derrubaram tabus e conceitos míticos acerca do nosso planeta. A Terra não era mais "quadrada", como supunham alguns, e nem vazia de homens à altura dos trópicos e do Equador, como pensavam os antigos. Os oceanos não abrigavam monstros devoradores de embarcações e suas dimensões eram bem maiores que aquelas imaginadas e "calculadas" por Ptolomeu. Ao mundo conhecido é anexado o "Mundo Novus", com sua geografia complexa, ora facilitando, ora dificultando a ação do homem colonizador. A História testemunhou esses fatos. A nova paisagem geográfica foi criada e explorada e dominada lá onde haviam motivações e onde os interesses dos conquistadores justificavam as ações. Isto explicaria talvez os vazios humanos no interior do Brasil e da África e nos altos terrenos das Américas e da África nos primeiros séculos de colonização.

No Brasil, seguramente em virtude da Serra do Mar, da aridez do sertão, da floresta amazônica, o povoamento concentrou-se, inicialmente, como se sabe, na orla marítima. Isto não significava, contudo, uma imposição da natureza, mas sim uma reticência do colonizador, pois, por enquanto, as relações da Colônia com a Metrôpole eram apenas de comércio de algumas matérias primas, como o pau-brasil. Não se podia, à altura das primeiras décadas do século XVI, falar de interiorização da colonização, logo, do povoamento. Isto só aconteceu mais tarde e sua grande motivação foi a descoberta do ouro nos sertões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Esse fato mudou a concepção

geográfica da América do Sul. Lá onde havia ouro, havia portugueses e espanhol derrubando os conceitos deterministas de ocupação, povoamento e uso do espaço geográfico. As conquistas das novas terras atendiam, portanto, a interesses econômicos imediatos. Embrenhar-se no vasto sertão por puro gosto pela aventura é pura ficção e história mal contada.

Todos já ouviram falar das grandes viagens de descobertas: Vasco da Gama em 1498, estabelecendo o caminho das Índias e Colombo, em 1492, atingindo a América pelo Ocidente, são as que melhor contribuíram para a derrubada de falsos conceitos acerca da Terra e sua geografia. Entre 1519 e 1521 Magalhães realiza a primeira viagem de circunavegação moderna. La Salle explora o Canadá e os Estados Unidos antes que os colonos do "Mayflower" se instalem na costa oriental norte-americana. Durante os séculos XVI e XVII missionários religiosos chegam à China e ao Japão (São Francisco Xavier), enquanto que holandeses e franceses tentam se instalar também no Brasil. No século XVIII os sertões brasileiros são definitivamente anexados à coroa portuguesa e o Brasil ganha a forma geográfica e cartográfica atual. O século seguinte foi o da consolidação e conciliação das soberanias nacionais na América Latina, na África e na Ásia. (Vide Fig. 5).

### 3. OS EXPLORADORES

Durante o século XIX a geografia e a história das conquistas mudam de palco e uma nova corrente colonizadora surge na Europa após a decadência dos Impérios espanhol e português: inicia-se a conquista territorial e política da África e da Ásia. Novamente o meio geográfico vai exercer uma série de influências e fazer aparecer consequências históricas novas, ao pender a balança colonial para o lado da Inglaterra e da França. Numa Europa sacudida pela revolução industrial, só seria grande Nação e poderosa aquela que mantivesse um grande império colonial fornecedor de matérias primas às indústrias modernas que se multiplicavam no Velho Mundo. O Novo Mundo já havia se tornado independente politicamente. Restavam aos europeus os continentes "amarelo" e "negro".

Nessa nova disputa político-econômica Portugal e Espanha apenas conservaram os territórios antes conquistados, pois, não mais dispunham, como dispunham a Inglaterra e a Fran



ça, de numerário suficiente para uma nova investida colonial. Entretanto, principalmente do lado português, não se pode negligenciar as conquistas antigas, tanto pelo lado econômico, quanto pelo lado estratégico: Angola na costa atlântica e Moçambique na costa do Oceano Índico permitiam a Lisboa acesso a dois grandes oceanos e "quebravam" a continuidade hegemônica inglesa na África Meridional. Por mais paradoxal que seja, foram justamente as colônias portuguesas as últimas a se tornarem independentes na África: somente agora Angola se refaz de uma guerra sangrenta e cruel. O Saara Espanhol foi anexado ao Marrocos<sup>(\*)</sup> e a Namíbia, antes denominada Sudoeste Africano, é administrada pela ONU, mas constantemente fustigada, sob pretexto de defesa do seu território, pela África do Sul.

O novo mapa político africano é mais que curioso, para não dizer criterioso, em seus limites: ao Norte o Saara "facilitava" a cartomania dos colonizadores; ao Centro-Oeste a mata equatorial se constituía por si só em uma unidade fito-geográfica de limites bem definidos; ao Centro-Sul e a Leste os grandes planaltos salpicados de lagos importantes, e entrecortados de desertos pedregosos, completavam esse quadro fisiográfico esquematizado, como se a natureza quisesse impor uma nova ordem geográfica, política e econômica no imenso continente africano. Dessa nova ordem participariam mais tarde - além dos tradicionais colonizadores - a Itália, a Bélgica e a Alemanha. Costumava-se dizer que o Oeste africano era francês e o Leste inglês, em outras palavras, as terras "baixas" eram francofonas e as terras "altas" anglofonas, salvo algumas exceções, como por exemplo: Gana, Nigéria e Libéria eram "enclaves" de língua inglesa nas regiões de hegemonia francesa, enquanto Djibouti e Madagascar (República Malgache atual) o eram nas regiões de hegemonia inglesa. A subdivisão daquelas três unidades fisiográficas (desertos, matas equatoriais e planaltos elevados) em mais de 40 novos Estados, serviu para mutilar a África em favor dos interesses capitalistas europeus, que não levaram em

---

(\*) Parte desse território é hoje disputado por grupos étnicos mais próximos da Mauritânia e da Argélia, os quais constituíram uma frente nacionalista denominada de "Frente Polisário" e que tem como reivindicação principal a emancipação política com relação ao Marrocos.

conta nem a Geografia, nem a História, nem as etnias ao imporem, na maior parte das vezes, limites "administrativos" absurdos. Alguns desses Estados procuram, hoje, corrigir essas distorções herdadas do passado: Gâmbia e Senegal constituem doravante um só Estado. Porém, outros que jamais deveriam ter sido subdivididos - como são os casos das Repúblicas do Togo e do Benin -, vão ter que amadurecer politicamente e corrigirem o erro dos franceses, que impuseram limites administrativos onde a História e a Geografia, bem como a etnologia e bom senso, aconselhavam a existência de um só país. Parece que o lema "dividir para melhor dominar" era o único critério válido quando do estabelecimento do novo mapa político-administrativo da África.

### O IMPERIALISMO EUROPEU NA ÁFRICA (séc. XIX — XX)

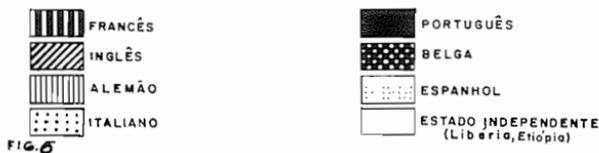
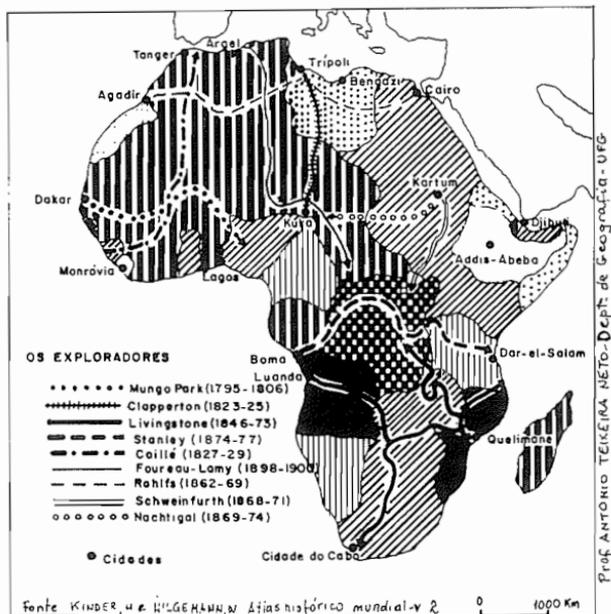
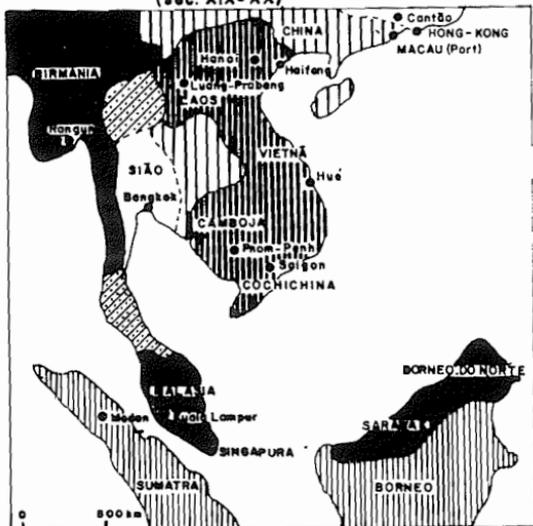


FIG. 6

### 3.1 - O IMPERIALISMO EUROPEU NO SUDESTE ASIÁTICO

Na Ásia a História é mais antiga que no restante da África e os "ajustamentos" de fronteiras, principalmente no Sudeste Asiático, deram-se mais em consequência do capitalismo francês e inglês que em função de disputas entre as Nações européias. Aqui a História e a Geografia já haviam "criado" os atuais Estados: tanto a Índia, quanto a Tailândia, tanto o Vietnã, quanto o Camboja e o Laos já existiam há centenas de anos. À exceção da Birmânia - Estado tampão como o é a Bélgica na Europa -, criado para separar zonas de hegemonias diferentes, em todos os outros Estados ex-colônias já eram conhecidos seus limites e há muito tempo estavam estabelecidos. O caso do Paquistão (dividido em Oriental e Ocidental) era uma falta de bom senso herdada dos ingleses, que só trouxe prejuízos a população, levando um povo irmão à guerra civil que redundou no apareci -

**O IMPERIALISMO EUROPEU NO SE. ASIÁTICO**  
(sec. XIX-XX)



	INGLÊS		Área de interesse inglês
	FRANCÊS		Área de interesse francês
	HOLANDÊS		

● Cidades

FIG.7 Fonte: KINDER, H. & HILGEMANN, W. Atlas histórico mundial, v. 2

mento do Bangladesh. Quando uma certa ordem nascida de hábitos, costumes e tradições de um povo não é respeitada, ou então é violada, haverão certamente outras Alemanhas, outras Coréias e outros Vietnãs a exemplificarem o absurdo do mapa político do mundo atual. (Vide Figuras 6 e 7).

### 3.2 - O IMPERIALISMO EUROPEU NA ÁFRICA

Recomeçando da África e do passado recente, num relato mais fático que analítico, e nem por isso menos fascinante e explicativo, tratemos agora de fazer um retrospecto dos indivíduos na sua luta contra a natureza e na sua obstinada caminhada a serviço dos interesses dos mais diversos.

Enquanto que os sertões e as estepes e pradarias sul americanas já tinham suas extensões exploradas e definidas politicamente, constituindo-se, desse modo, em retaguarda territorial de futuras Nações de grandes dimensões geográficas, como, entre outras, o Brasil, os Estados Unidos e o Canadá, alhures espaços geográficos dos mais diversos e contrastantes recebiam rapidamente a visita do homem branco dito civilizador.

Das grandes viagens por terra do século XIX, as mais notáveis foram sem dúvida as de Livingstone (1846-73), cruzando a África do Atlântico ao Índico, explorando o rio Zambeze e as cataratas de Vitória, e as de Stanley, enviado à África pelo jornal "New York Herald" para saber notícias do primeiro. Durante três anos Stanley contribuiu para a exploração da África Central, seguindo o curso do rio Congo (entre 1874-1877), enriquecendo o conhecimento histórico e geográfico com fatos novos. (Vide Fig. 6).

Ao iniciar-se o século XX não mais havia um palmo de chão africano que não fosse conhecido, mas apenas dois territórios "independentes" existiam: a Libéria, criada em 1847(?), para abrigar ex-escravos africanos alforriados, e o Reino da Etiópia. O Norte do continente, como se disse, era quase todo francês; o Leste e o Sul quase todo inglês. "Enclaves" não menos importantes caíram depois na esfera de influência italiana (Líbia e parte da Somália), belga (o ex-Congo Belga, hoje República do Zaire) e alemã (a República dos Camarões e o Sudoeste Africano, hoje a Namíbia). Desse modo, o continente africano de uma maneira geral tornou-se, literalmente, até fins dos anos 50 e início dos anos 60 o "quintal" da Europa. Os movimentos sepa

ratistas dos anos 60 em pouco modificaram essa situação: aos novos Estados emancipados politicamente impôs-se uma nova forma de dependência econômica e política: o neocolonialismo.

### 3.3 - O HOMEM FECHA O CERCO SOBRE A TERRA

Na primeira década do século XX apenas as regiões polares ainda não estavam exploradas. Porém, os precursores dos exploradores contemporâneos já haviam intentado as primeiras conquistas há 150 anos atrás, com James Ross (1831), John Franklin (1848), Robert Mac-Clure (1850), Adolf Nordenskjöld (1879), etc... Em 1909 o Comandante Robert Pery pisa pela primeira vez o polo Norte e, dois anos mais tarde, Roald Amudsen finca bandeira no pólo Sul.

Desta forma, a paisagem geográfica terrestre conhecida já estava explorada pelo homem antes mesmo que os engenhos tecnológicos ultramodernos, como os satélites artificiais "Cosmos", "landsat" e "Spot" começassem a fotografar a Terra a cada 19 dias. Resta-nos saber o que fará o homem no seu grande "habitat", que é o planeta Terra, já povoado por quase 5 bilhões de almas mal distribuídas política e economicamente, mal alimentadas em cerca de 50%, mal abrigadas e maltratadas pelo imperialismo, muitas infelizes, poucas usufruindo das riquezas e do ció da Terra.

### 3.4 - O FIM DOS FALSOS CONCEITOS DETERMINISTAS

Os exemplos e fatos aqui relatados podem levar algumas pessoas a acreditar em determinismos geográficos e históricos a interferirem no destino dos povos e das civilizações do globo terrestre. Infelizmente há os que assim ainda pensam e que chegam a utilizar o meio geográfico para explicar o avanço cultural, tecnológico e científico de determinados países e civilizações. É preciso não confundir o determinismo com fatores determinantes. É inegável que a natureza, ou seja, o meio geográfico pode interferir no destino de um povo, dificultando ou facilitando o seu progresso e o seu bem estar num determinado momento. Ainda hoje se discute, por exemplo, porque a civilização maia não teve continuidade. Certamente o "habitat" em que ela inicialmente se desenvolveu tenha bruscamente se trans

formado, passando, talvez, de um clima ameno para um clima tropical úmido, quente e insalubre, ou, o que é mais provável, entraram num ciclo de decadência provocado por guerras e intrigas intertribais. Os aztecas, que lhes sucederam, se instalaram em regiões naturais menos rudes, pois povoaram os planaltos mexicanos e ali fizeram florescer uma grande civilização. A sua decadência se deve mais a fatores extra geográficos, conhecidos de todos, que a fatores deterministas propriamente ditos.

O exemplo da civilização egípcia, para citar apenas um na antiguidade, vem corroborar o que acabamos de dizer: ali, no vale do rio Nilo, a interação homem-natureza se fez sem grandes dificuldades. A adaptação ao meio natural foi certamente facilitada pelas condições ambientais não muito adversas: um clima de condições variadas, nem muito quente, nem muito úmido e nem muito seco favorecendo a prática de uma agricultura rica e abundante em um solo de boa qualidade.

As idéias puramente deterministas não passam de pretextos para justificar certas políticas de dominação, ou então para "explicar" o atraso de certos povos com relação a outros. O discurso determinista, de cunho político-ideológico, acha, por exemplo, que os Estados Unidos são ricos e grandes porque a natureza lhes favoreceu. Pelo menos é o que deixa transparecer Viana Moog em seu livro "Bandeirantes e Pioneiros". E a Suíça, país essencialmente de montanhas e de clima rude, de onde vem a sua riqueza? Do acaso? Não! A sua riqueza vem da combinação de vários fatores naturais e sociais, históricos e geográficos, fazendo com que sua população, pequena mas laboriosa, soubesse tirar proveito do meio geográfico em que vivem. Essa população soube fixar-se nos vales e planícies intra-montanhas e da terra tirar os recursos necessários à sua sobrevivência. Historicamente, a Suíça permaneceu por muito tempo isolada do resto da Europa, esta em constante lutas hegemônicas, mantendo assim a neutralidade e, com isto, concentrar os esforços nacionais na construção de sua riqueza e do bem estar da população. Escondida às sombras dos Alpes, a Suíça faz hoje parte do rol das Nações mais ricas do globo. História semelhante conheceu a Suécia, que até o início do século XX fazia parte dos países mais pobres da Europa. Hoje a história é diferente.

Na América do Sul o exemplo mais notável de interação homem-natureza é o da civilização incaica. Imprensados entre o mar e a floresta tropical-equatorial, os Incas se instalaram nos vales elevados da Cordilheira dos Andes, fundaram ci

dades importantes, como Quito no Equador e Cuzco no Peru e estenderam sua influência até a Venezuela, ao Norte, e até o Chile, ao Sul.

O Equador, com seu relevo e sua geografia "problemáticos", foi aqui considerado para exemplificar essa luta homem-natureza iniciada com os Incas e continuada pelo colonizador espanhol. Os mapas aqui exibidos (Figuras 8, 9 e 10) vão nos mostrar que fora dos altiplanos andinos dificilmente os Incas encontrariam melhor "habitat" à sua sobrevivência e segurança. A Leste da cordilheira a floresta equatorial exigiria, certamente, enormes esforços de adaptação ao meio natural. As razões são óbvias: umidade excessiva, calor que incomoda, meios de comunicação difíceis, etc... A Oeste, de frente para o mar, nas terras baixas, era a insalubridade do meio que criava as barreiras à fixação do homem à terra. Nos altiplanos, apesar da altitude elevada (acima de 2000 metros), a natureza era ao mesmo tempo mais receptiva e mais propícia ao cultivo dos cereais básicos à alimentação do povo, principalmente o milho, fonte primeira de alimentação dos Incas. Ainda hoje, mesmo com a revolução tecnológica e científica ajudando o homem na sua "luta" contra os meios naturais hostis, a economia do Equador e a vida cotidiana da maioria do seu povo giram em torno dos altiplanos. Podemos constatar isto vendo nos mapas a maneira como as atividades sócio-econômicas do país e a rede urbana adaptaram-se a esse relevo alto dos Andes. A paisagem geográfica é construída pelo homem. A natureza pode facilitar-lhe ou não nessa tarefa. Tudo depende da motivação dos grupos sociais. Essa motivação sendo grande, certamente veremos desertos produzindo os frutos da terra, como vemos verdadeiros paraísos terrestres improdutivos por falta de interesse imediato dos grupos humanos.

#### CONCLUSÕES

Independentemente dessas observações de natureza social, política e econômica, a História e a Geografia nos mostram que não há, em valor absoluto, ambiente bom ou ruim para o desenvolvimento dos agrupamentos humanos. Em verdade o que há são conjunturas históricas e geográficas que favoreceram as civilizações no tempo e no espaço. Vimos as grandes civilizações

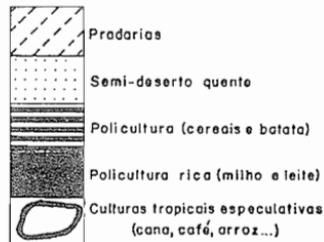
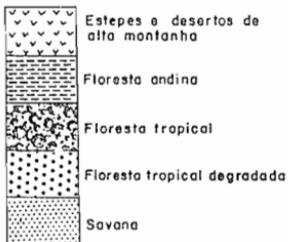
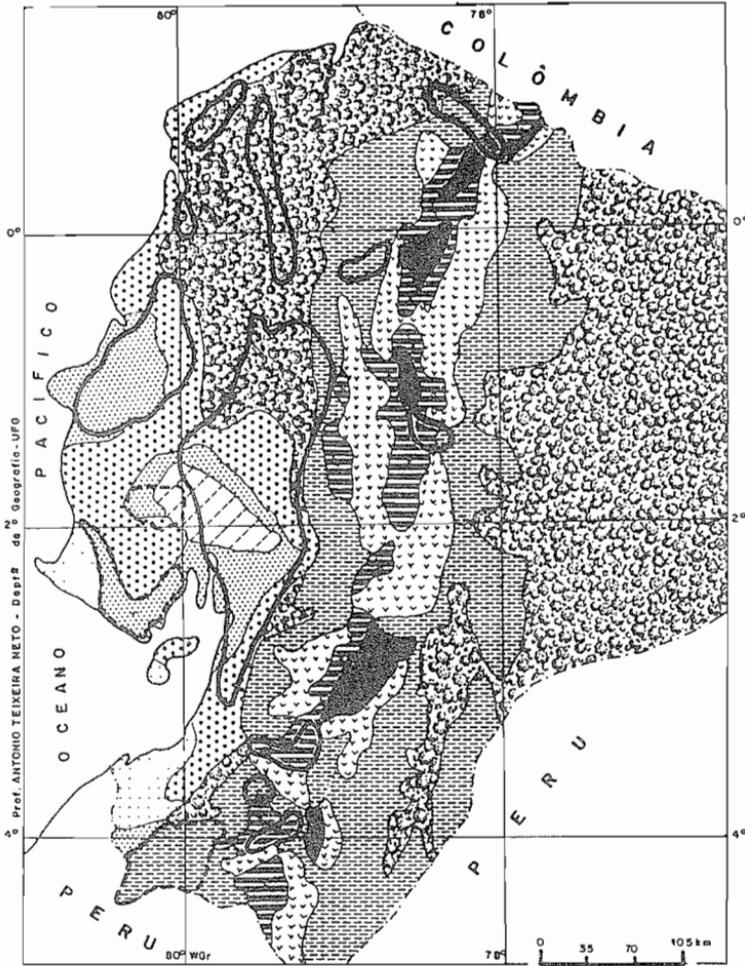
desenvolverem-se em ambientes geográficos dos mais diversos: os gregos e romanos não dispunham, inicialmente, de boas terras, mas construíram as duas maiores civilizações que o mundo ocidental herdou. Os Babilônios e os Fenícios, bem como os Árabes, eram povos de deserto. Os Chineses e Hindus se espalharam nos grandes vales dos rios Yang-Tsé-Kiang e do Ganges, respectivamente. Maias, Aztecas e Incas criaram a civilização do milho, etc...

Nos dias de hoje, algumas grandes cidades brasileiras e estrangeiras se desenvolvem em áreas geográficas das mais diversas. O Rio de Janeiro está imprensado entre a serra e o mar, mas é a segunda cidade brasileira em importância, tanto econômica, quanto social e culturalmente. Brasília, construída num "deserto humano", é a cabeça de ponte de uma estratégia política e econômica que visa a ocupação e o povoamento dos Serões do Centro-Oeste brasileiro e da grande Amazônia.

Historiadores e geógrafos pouco têm avançado na explicação do porque da decadência das grandes civilizações. Muitas teorias e hipóteses têm sido formuladas a esse respeito, mas todas elas suscetíveis de críticas, portanto, vulneráveis. As que se apoiaram num determinismo puro e simples tiveram vida curta, pois os fatores geográficos jamais constituem de forma absoluta em condições "sine qua non" para o desenvolvimento dos povos e dos agrupamentos humanos. Esses fatores podem ter sido determinantes ao estabelecerem que as formas de ocupação e uso do solo têm de levar em conta as dificuldades próprias da natureza. Os desertos frios e quentes constituem, ainda hoje, em uma dessas dificuldades, como também o são as regiões de montanhas e os pântanos insalubres. Esses são apenas alguns dos muitos exemplos que citamos nesse trabalho. Entretanto, uma coisa é certa, como afirmam alguns especialistas: o que melhor explica a decadência ou desmoronamento desta ou daquela civilização, seja no passado, seja no presente, são as diferentes formas de escravidão e dominação de um povo sobre o outro.



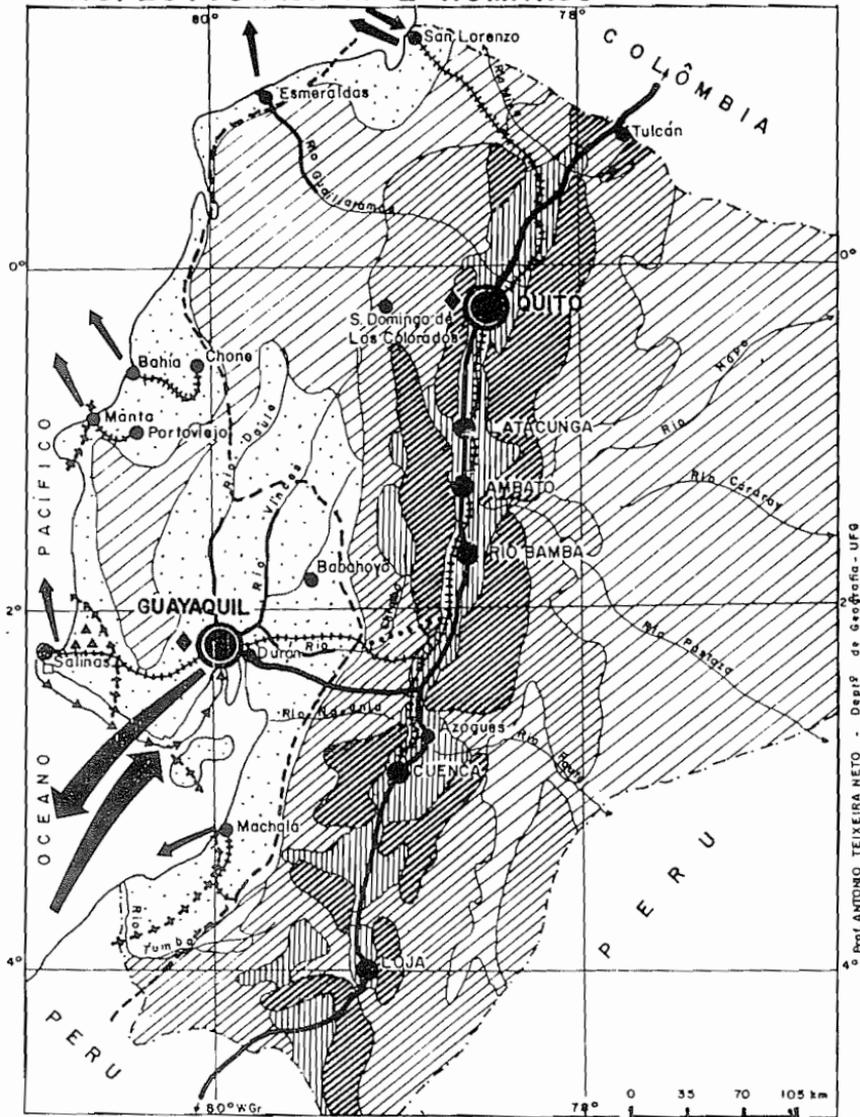
# VEGETAÇÃO E AGRICULTURA do EQUADOR



Regiões pastoris (bovinos, ovinos...)

# EQUADOR

## ASPECTOS FÍSICOS E HUMANOS



- |   |   |   |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>● CIDADE COM MAIS DE 200.000 hab.</li> <li>● CIDADE DE 25.000 a 80.000 hab.</li> <li>● OUTRAS CIDADES</li> <li>○ AGLOMERAÇÃO INDUSTRIAL</li> <li>◆ Aeroporto internacional</li> <li>□ Salina</li> <li>▲ Campo petrolífero</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>— RODOVIA PRINCIPAL</li> <li>++++ FERROVIA</li> <li>— RIO (com trecho navegável)</li> <li>..... OLEODUTO</li> <li>↔ IMPORT-EXPORT</li> <li>↔ CABOTAGEM (Petróleo)</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▨ ALTAS MONTANHAS</li> <li>▨ ALTIPLANOS</li> <li>▨ PLANALTOS ELEVADOS</li> <li>▨ PLANALTOS BAIXOS</li> <li>▨ PLANÍCIES</li> <li>- - - ISOIETA DE 1500 mm/ano</li> <li>+ + + ISOIETA DE 400 mm/ano</li> </ul> |
|---|---|---|

© Prof. ANTONIO TEIXEIRA NETO - Dep. de Geografia - UFG  
 Fonte: BRUNET, Roger. "Le croquis de géographie", 6<sup>o</sup> ed. n.º 2, l'ÉQUATEUR

FIG. 10

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNET, Roger. Le croquis de géographie (régionale et économique). SEDES, Paris, 1967.
- CLOZIER, René. Histoire de la Géographie. Col. "Que sais-je"? n° 65. Presses Universitaires de France, Paris, 1972.
- HASSINGER, Hugo. Fundamentos geográficos de la historia. Trad. Francisco Payarols. Ediciones OMEGA, S.A., Barcelona, 1958.
- KINDER, H. & HILGEMANN, W. Atlas histórico mundial. V. I e II. Ediciones Istmo, Madrid, 1971.
- LABASSE, Jean. L'organisation de l'espace. Éléments de géographie volontaire. Hermann, Paris, 1971.
- LACOSTE, Yves. La géographie ça sert d'abord à faire la guerre. Maspéro, Paris, 1976.
- LAROUSSE, Librairie. Atlas International Larousse. Librairie Larousse, Paris, 1965.
- MEC-FENAME. Atlas Geográfico. IBGE, Rio de Janeiro, 1983.
- MEC-FENAME. Atlas Histórico Escolar. 8a. ed., Ed. Abril, São Paulo, 1983.
- NETO, Antônio Teixeira. Formação territorial: considerações sobre alguns aspectos geográficos, históricos e políticos. Boletim Goiano de Geografia, 2(2):165-195, jul-dez, Goiânia, 1982.
- RAISZ, Erwin. Cartografia Geral. Trad. N. Scheneider, Ed. Científica, Rio de Janeiro, 1969.

